

## **Indignação versus Ação<sup>1</sup>**

Como Eliane Brum dialoga com as teorias de Han e Castells

Ana Resende QUADROS<sup>2</sup>

Lucas de Almeida SANTOS<sup>3</sup>

Luiz Ademir de OLIVEIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

A internet trouxe consigo novas formas de pensar e de agir na sociedade. Essas mudanças fizeram com que o jornalismo, assim como todas as outras áreas, tivesse que se adaptar aos novos tempos. Uma das jornalistas que passou por essa transição foi Eliane Brum, uma das mais premiadas repórteres brasileiras. Este artigo propõe-se a fazer uma análise de conteúdo, aos moldes de Bardin (2011), do texto “EU + UM + UM + UM +” de Eliane Brum, publicado no dia 16 de maio no site do jornal global *El País*, que trata das formas de agir na internet. O objetivo é averiguar de que forma o texto da jornalista dialoga com os conceitos de Han (2018) e Castells (2017) sobre a comunicação na era digital e sobre indignação e ação na web.

**PALAVRAS-CHAVE:** internet; Eliane Brum; Han; Castells.

### **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, o jornalismo tenta se redescobrir, buscando a forma mais adequada e eficiente de falar com seu público após a chegada da web. O conteúdo ligado ao imediato está muito associado ao jornalismo feito para a internet. De acordo com Breadshaw (2014), a internet cortou etapas na produção do conteúdo jornalístico. As notícias precisam ir para a web imediatamente após terem acontecido, dificultando a possibilidade de detalhar os fatos e contextualizá-los.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [anarquadros@gmail.com](mailto:anarquadros@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [lucasp42009@gmail.com](mailto:lucasp42009@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho, Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: [luizoli@ufs.edu.br](mailto:luizoli@ufs.edu.br).

---

Segundo o autor, cabe ao jornalismo impresso aprofundar os temas que foram dados de forma imediata na web. Ao mesmo tempo, a internet tornou mais fácil a verificação de informações e o acesso a dados e pessoas, propiciando uma melhor apuração.

Ainda assim, como explica Breadshaw (2014), o jornalismo feito para a internet tem muito mais acessos quando trata de temas considerados menos relevantes, como esportes, arte e entretenimento, que somam 40% da audiência. Quando constituem temas tidos como mais relevantes atingem um público menor, como notícias sobre política, por exemplo, que chegam a apenas 9% da audiência total.

Uma das pessoas que enfrentou o desafio de mudar do impresso para o online foi a premiada jornalista Eliane Brum. Se antes ela trabalhava com o cotidiano e as pessoas comuns, agora, como colunista do *El País*, ela passa a também abordar o acontecimento. Neste artigo pretende-se discutir o texto “EU + UM + UM + UM +” de Eliane Brum, publicado no dia 16 de maio no site do jornal global *El País*, à luz do que dizem Castells (2017) e Han (2018) sobre a comunicação na era digital.

O texto foi escolhido porque trata justamente da dificuldade contemporânea em agir frente às situações políticas apresentadas na sociedade, mas usa a internet para tentar angariar ação. Para este estudo, será utilizada como base metodológica a Análise de Conteúdo aos moldes de Bardin (2011).

## **A SOCIEDADE CONSTRUÍDA**

Apesar de ter estado sempre presente na vida humana, a comunicação, como aponta França (2001), começou a ser estudada no início do século XX, principalmente a partir da década de 1920, quando o rádio passou a ser usado em larga escala, e, novamente em 1950, quando a televisão se tornou um veículo de massa e, posteriormente, hegemônico. Desde o princípio, os teóricos eram capazes de perceber uma intrínseca relação entre a mídia e a sociedade.

Na Teoria Hipodérmica, primeira corrente da Escola Americana, por exemplo, entendia-se que a mídia era capaz de controlar a sociedade. Conforme explica Wolf (2008), a Teoria Hipodérmica ou Bala Mágica acreditava que a mensagem era introjetada no público sem que este oferecesse qualquer resistência. Para essa teoria, o público perde suas referências na sociedade de massa e é manipulado pelos meios de comunicação.

---

Pouco tempo depois, a Abordagem Empírico-Experimental, também da Escola Americana, passou a defender que os veículos de informação não conseguem manipular o público, mas sim persuadi-lo, enquanto na Abordagem Empírica de Campo, a mídia, no máximo, influencia as pessoas que estão vinculadas a grupos sociais. Por fim, a Teoria Funcionalista não se preocupa com os efeitos, mas com as funções dos *mass media*, como a manutenção da ordem e do *status quo*, além do estímulo à integração e ao progresso.

A Escola Europeia, por outro lado, tem como principal expoente a Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt. Wolf (2008) escreve que, para essa perspectiva teórica, o público seria apenas um fantoche manipulado pela chamada indústria cultural. Embora também acreditem que os meios de comunicação de massa exercem grande poder de manipulação sobre as pessoas, para eles, a mídia funcionaria como uma vitrine de exibição dos produtos por meio da indústria cultural.

Desde que a comunicação de massa surgiu, foi atribuído à mídia um grande poder de influência ou manipulação. Mas, se em um primeiro momento acreditava-se que o público era completamente passivo e manipulável, sendo incapaz de ter alguma influência sobre os emissores, hoje, seguindo uma visão construcionista, sabemos que a mídia influencia a sociedade, mas que o inverso também ocorre. Entre os principais pensadores dessa perspectiva teórica que enxerga a realidade como uma construção social estão Berger e Luckmann (1998). Para eles, o mundo é composto de diversas realidades e as compreensões delas podem entrar em choque. Os autores acreditam que a mais fundamental é a percepção da vida cotidiana, pois é nela que se exige o máximo da consciência do homem comum. Os autores enfatizam que, por mais que a realidade cotidiana possa ser alvo de diversas interpretações, existe um senso comum do qual todos fazem parte e compartilham, apesar das experiências individuais. A manutenção desse senso comum é feita, para Berger e Luckmann (1998), por meio da conversa, mas também é por meio dela que se pode transformar a realidade.

Seja para transformar ou para manter a ordem estabelecida, o jornalismo é uma das principais ferramentas da comunicação de massa. No início do século XX, imperava a ideia de que o jornalismo seria o espelho da sociedade. A Teoria do Espelho ignora, porém, que o real é inapreensível. Os jornalistas, como afirma Traquina (1993), ajudam a construir a realidade, uma vez que a notícia e o acontecimento criam-se um ao outro em igual proporção. As narrativas escolhidas para os textos jornalísticos, como a pirâmide invertida, as perguntas do lead (o quê? quem? quando? onde? como? e por quê?) dão

---

destaque a diferentes pontos do acontecimento e o jornalista escreve a partir de suas percepções. Portanto, a narrativa ocorre pela contenção dos fatos, impedindo que o jornalismo seja um reflexo do real.

Contudo, como explica Tuchman (1996), os jornalistas fazem uso de alguns rituais estratégicos para que o público abandone suas barreiras e incorpore o discurso midiático sem questionamento. Dentre os pontos citados por ela estão a apresentação da possibilidade de conflito, que acontece quando o jornalista entrevista várias pessoas sobre um determinado assunto. Quando os entrevistados têm visões coincidentes sobre o tema, é gerada uma ideia de verdade sobre o que foi dito. Pode-se ainda somar provas auxiliares, ou seja, documentos e dados que possam ratificar o que foi dito pelos entrevistados.

Mesmo citações podem ser usadas de forma judiciosa, como explica Tuchman (1996). Para não fazer uma afirmação, o jornalista pode usar em seu texto a fala de outra pessoa. Mesmo que outros elementos do texto possam questionar o que foi dito, uma outra estratégia pode ser empregada para que o leitor tenha a impressão de que uma opinião é mais relevante que a outra: a organização do texto. A escrita jornalista, como lembra a autora, é feita no formato de pirâmide invertida, no qual as informações mais relevantes são dadas primeiro e as menos importantes são deixadas para o fim do texto.

Todos esses fatores contribuem para o que McCombs e Show chamaram de *agenda setting*, ou seja, a seleção de temas exibidos pela mídia fazia com que os assuntos descartados por ela fossem esquecidos pela sociedade (BARROS FILHO e PRAÇA, 2014).

Para Noelle-Neumann (*apud* (BARROS FILHO e PRAÇA, 2014)), os temas não abordados caíam no que ela chama de espiral do silêncio. Isso aconteceria porque, para a autora, as pessoas evitam agir e se expressar de forma contrária ao padrão dominante na sociedade para que não sejam isoladas. Assim, quanto mais uma opinião foi considerada ilegítima, menos ela será pronunciada. Isso se agrava tendo em vista a consonância entre os meios de comunicação.

Traquina (2001) explica que, para Stuart Hall, os mídia não apenas relatam o que está acontecendo, como também oferecem maneiras de interpretar esses fatos. Porém, ao contrário do que alegam outras teorias, a mídia apenas reproduziria posições daqueles que estão no comando da sociedade.

Por esse motivo, segundo Traquina (2001), os políticos veem o campo jornalístico como um alvo prioritário e, portanto, tentam fazer coincidir seus interesses com o dos

---

profissionais da mídia. Os jornalistas acabam por se beneficiar dessa aliança, já que conseguem fontes com autoridade e credibilidade que possibilitam com que sua produtividade de notícias seja maior. Por outro lado, isso reduz as chances de movimentos sociais conseguirem ter voz na mídia.

### **UMA FORMA DIFERENTE DE JORNALISMO**

Apesar de o jornalismo ser tradicionalmente marcado pela objetividade e por uma pretensa imparcialidade, a corrente denominada Jornalismo Literário visa a construção de um jornalismo mais humano (LIMA, 2009). Segundo Pena (2013), o Jornalismo Literário volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta. Para Lima (2009), além de precisão e exatidão, o Jornalismo Literário precisa seguir um estilo próprio e autoral, fazendo uso da criatividade e do simbolismo para contar uma história humanizada e universal. Para isso é preciso ter responsabilidade ética e ter uma visão compreensiva da realidade.

Pena (2013) explica que os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalismo literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum. O texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

---

## AS MUDANÇAS TRAZIDAS PELA INTERNET

Quando a internet surgiu, os pesquisadores assumiram uma postura otimista em relação a ela, acreditando que ela poderia ser uma maneira de dar voz a todas as pessoas. Entre os autores que percebem a web positivamente está Castells (2017). O autor acredita que a internet está apagando as fronteiras entre as formas de comunicação. Ele explica que a web permite o compartilhamento de qualquer tipo de arquivo digitalizado. Essa característica faz com que a internet seja parte de vários segmentos de nossas vidas, permitindo a realização de tarefas do âmbito profissional, familiar, de entretenimento etc. Castells afirma até mesmo que os usuários “*vivem com ela*” (2017, p.111).

Se partes de nossas vidas estão sendo transportadas para a rede, não poderia ser diferente com os meios de comunicação. Castells (2017) explica que os usuários vêm usando a internet para acessar meios de comunicação de massa como a televisão, o rádio e os jornais. Essa mudança afeta a forma como esses produtos são produzidos.

Portanto, embora o jornal continue a ser um meio de comunicação de massa, sua plataforma muda. Ainda não existe nenhum modelo comercial para o jornalismo on-line (Beckett e Mansell, 2008). No entanto a internet e as tecnologias digitais transformaram o processo de trabalho dos jornais e da mídia de massa como um todo. Os jornais se tornaram internamente organizados em rede, globalmente conectados às redes de informação na internet. Além disso, os componentes online dos jornais estimularam a formação de redes e a sinergia com outras organizações de notícias e da mídia (Weber, 2007). As redações na indústria jornalística, televisiva e radiofônica foram transformadas pela digitalização das notícias e por seu processamento permanente global/local (Boczkowski, 2005). Dessa forma, a comunicação de massa no sentido tradicional hoje é uma comunicação baseada na internet tanto em sua produção quanto em sua transmissão (CASTELLS, 2017, p.112).

Para o autor, a autocomunicação de massa surge dessas mudanças dos meios tradicionais de comunicação de massa somadas às novas possibilidades da comunicação interpessoal trazidas pela Web 2.0 e 3.0. Castells (2017) observa a proximidade dessa nova forma de comunicação com o “autismo eletrônico”, uma vez que muito desse conteúdo é produzido para os próprios autores. Isso não quer dizer que os conteúdos para a Web careçam de criatividade. Pelo contrário, os produtos nativos da internet, como escreve Castells (2017), tendem a ser multimodais e a oferecer incontáveis possibilidades, formando redes horizontais de comunicação.

Essa interação horizontal se dá, de acordo com Recuero (2014), nas redes sociais digitais, possibilitadas pela Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). A autora explica que uma rede social é um conjunto de autores (pessoas envolvidas na rede) e suas

---

conexões (laços sociais formados pela interação dos autores nas redes). O que muda com o advento da internet – e o distanciamento entre os comunicadores trazido por ela – é que os autores não são discernidos com facilidade, podendo o autor ou um grupo de autores serem representados por um perfil em uma rede social. Outra característica da CMC é que o autor está num processo de constante construção de sua identidade, que pode variar conforme a percepção do outro sobre o eu. Por essa razão a impressão dos outros sobre os indivíduos se torna cada vez mais importante nas redes sociais na internet.

Porém, como afirma Recuero (2014), nem todas as pessoas ou grupos têm a mesma influência na internet e a qualidade das conexões varia conforme o capital social dos autores. Recuero (2014) entende capital social como um conjunto de recursos definidos pelo conteúdo da comunicação que estão presentes nas relações sociais que podem ser usados individualmente ou em grupo. Pode-se dizer, portanto, que aqueles que se comunicam por interações reativas têm mais capital social e são mais ouvidos, uma vez que sua comunicação é centralizada e suas conexões não perdem força com o tempo.

Essa horizontalidade é vista como negativa por Han (2018). Embora admita ser inegável que a comunicação digital permitiu que os afetos fossem compartilhados instantaneamente, chegando a caracterizá-la como “mídia de afetos”, Han (2018) acredita que a falta de hierarquia e a possibilidade que todos têm de serem tanto receptores quanto destinatários (ou produtores) de mensagens são danosas para o poder e permitem a criação de *shitstorms*. Atualmente, tem poder aquele que “*dispõe do Shitstorm da rede*” (HAN, 2018, p.20).

Outra característica que Han (2018) aponta como sendo típica do digital são as ondas de indignação. Segundo o autor, embora elas sejam eficientes em chamar a atenção e mobilizar as pessoas, elas são voláteis demais para conseguirem organizar um discurso político na esfera pública.

Essa sociedade marcada pelo escândalo, pela desobediência, pela histeria e pela rebeldia é denominada por Han como sendo uma sociedade da indignação. Essa indignação vem em ondas e pouco causam identificação com a sociedade, não gerando resultados reais. “A indignação digital [...] é, antes de tudo, um estado afetivo, que não desenvolve nenhuma força com poder de ação” (HAN, 2018, p. 23). Segundo o autor, a sociedade digital perdeu o olhar, afastando-nos uns dos outros. O smartphone com sua tela sensível ao toque pode ser considerada transparente, mas que esconde o olhar.

---

A parcela verbal da comunicação é muito pequena. As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões de rosto ou linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tutilidade [*Taktilitat*]. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta a comunicação a tutilidade e a corporeidade (HAN, 2018, p.44).

Isso teria transformado a sociedade em um enxame digital, que pode ser considerado a nova massa, mas consiste em indivíduos singulares, ainda que seja um alguém anônimo. É a singularidade que impede a ação do enxame, permitindo uma exploração sem dominação.

A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma *voz*. Também falta ao *Shitstorm* uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho* (HAN, 2018, p.27).

Han acredita que a mídia digital leva ao atrofiamento da mão e do pensamento. Ele aponta para uma sociedade em que a circulação da informação aumentou, mas o saber se tornou mais raro. Han (2018) acredita que a informação, por ser transparente, não combina com o poder, que opera no âmbito do oculto e do segredo. O poder combina mais com as mídias de massa, como o rádio. Nesse sentido o viés pessimista da teoria de Han dialoga, em parte, com os estudos dos teóricos da Escola de Frankfurt ao não acreditarem no forte poder de manipulação da indústria cultural, com ressalvas para as devidas divergências entre as correntes, tanto do ponto de vista histórico quanto epistemológico.

Contudo, é problemático retornar ao entendimento de um público passivo, algo impossível de acordo com a perspectiva de Umberto Eco, lembrado por Castells (2017). Isso porque as mensagens são recebidas e reinterpretadas conforme as vivências de cada um. Por mais que isso não queira dizer que o sujeito não seja influenciado em nenhuma instância pela mensagem.

Ramonet (2013) aponta que a internet permitiu que o cidadão faça jornalismo através dos blogs e redes sociais. Essa possibilidade, contudo, amplia a crise de credibilidade vivida pelo jornalismo desde meados da década de 1980, quando a TV

impôs um ritmo acelerado de produção de notícias, levando a uma queda de qualidade de apuração. Nos anos 1990, com o surgimento da internet, os próprios jornalistas começam a usar “testemunhas observadoras do acontecimento” como fontes de informação.

Com o tempo, essas fontes passam a se tornar “amadores-profissionais” do jornalismo, como descreve o autor, o que gera a possibilidade de consumir conteúdos que ficariam de fora da mídia tradicional, engolidas pela espiral do silêncio, como disse Noelle-Neumann (*apud* (BARROS FILHO e PRAÇA, 2014). Para além disso, com a internet, as pessoas puderam criticar a crescente relação da mídia tradicional com os poderes econômico e político. Nesse cenário, com mais pontos de vista sendo apresentados, o discurso de imparcialidade feito pelos jornais se torna insustentável e a imprensa passa a ser percebida por alguns como mentirosa. Com isso, como explica Ramonet (2013), a sociedade passa a demandar informações sobre a produção de informações.

Na visão do autor, a mídia tradicional deixou de representar a opinião pública, papel para o qual ela foi criada e passou a representar os interesses daqueles que estão no poder. Assim:

O que um cidadão mais ou menos ativo numa sociedade democrática deve fazer? Questionar a forma como a mídia dá conta da realidade. Essa função crítica consiste em informar sobre a informação, que não é neutra, sempre é construída a partir de um ponto de vista. Portanto, revelar a quem pertence essa informação, quem ela está ajudando, em que medida ela é a expressão dos grupos privados que são seus proprietários já é uma maneira de se dizer para quem os meios de comunicação estão trabalhando. Isso é criar um quinto poder, ressignificando o que a opinião pública deve ser (RAMONET, 2013, s/n).

Com a chegada da internet, as possibilidades de diferentes interpretações se ampliaram. Uma das razões para tanto foi a proliferação do número de mensagens disponíveis. Todavia, a grande alteração trazida pela rede foi a possibilidade de o receptor ser também emissor na autocomunicação de massa. Ainda que não necessariamente um emissor receba uma resposta de alguém que foi receptor de sua mensagem, essa possibilidade existe.

Serrano (2013) chama a atenção para o fato de que, mesmo que hoje todos se tornem jornalistas em potencial, bastando ter um smartphone, tablet ou notebook com acesso à internet, nem por isso a informação produzida por eles é menos parcial. “Muitas vezes, os meios alternativos se transformam em tribuna para o desabafo de militantes e não é isso que eles deveriam ser” (Ibid).

---

Para Serrano (2013), ter uma linha editorial não significa que o veículo deva se limitar a publicar apenas o que está de acordo com a sua visão de mundo. Para o autor, é preciso publicar textos relevantes também de pontos de vista contrários para que não se caia no risco de se encerrar politicamente em uma bolha ocasionando uma distorção da realidade.

É preciso destacar ainda, como explica o autor, que nem tudo o que se produz na internet é correto ou útil. A possibilidade de que todos publiquem conteúdos ditos informativos muitas vezes, segundo Serrano (2013), pode acarretar na propagação de inverdades. Esse conteúdo mentiroso pode se sobrepor em relação à verdade graças à sobrecarga de informação. Esse é um fato perigoso, uma vez que, de acordo com Serrano (2013), a internet se tornou o meio com maior credibilidade entre o público bem como sua principal fonte de informações.

## **ELIANE BRUM**

Eliane Brum é uma das jornalistas brasileiras que vivencia as dificuldades enfrentadas pelo jornalismo desde a transição do impresso para a internet. Ela nasceu na cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, em 1966. Por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho Zero Hora, para o qual escreveu os textos que deram origem, mais tarde, ao livro *A Vida Que Ninguém Vê*.

Durante 10 anos, Eliane foi repórter especial da *Revista Época*, em São Paulo. Ao longo de sua carreira, Brum escreveu *Coluna Prestes: o avesso da lenda*, *A vida que ninguém vê*, *O olho da rua*, *Menina Quebrada*, *Meus desacontecimentos* e *Uma, duas*. Todos, com exceção do último, são de não ficção. Como jornalista, ela recebeu mais de 40 prêmios, entre eles: Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Troféu Especial de Imprensa ONU e, com *A Vida Que Ninguém Vê*, o prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem de 2007. Durante todo esse período, Brum foi uma das principais expoentes do Jornalismo Literário no Brasil.

Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*, que é publicada tanto na versão brasileira quanto nas versões espanhola e latino-americana do portal jornalístico. Além disso, Brum também é colaboradora do jornal britânico *The Guardian* e desde 2018 escreve quinzenalmente para a versão impressa do *El País* de Madri.

Os textos de Eliane Brum são bastante populares no *El País*. De acordo com dados conseguidos por Vivar e Abib (2018) com o jornal. Os 10 textos mais lidos de Brum em 2016 tiveram mais de um milhão de acessos únicos naquele ano. O texto mais lido, ainda de acordo com a pesquisa de Vivar e Abib (2018), teve mais de 200 mil acessos únicos.

Um dos diferenciais de Brum é a sua proposta de ter um olhar ousado que tenta enxergar o invisível aos olhos comuns. Por esta razão Eliane Brum fez reportagens com a intenção de dar lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. Contudo, Eliane Brum não trabalha mais com o estilo que a tornou reconhecida. No ano de 2019, ela ganhou o prêmio Comunique-se na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuam na editoria de política nacional. Em 2018, ela havia ganhando o mesmo prêmio na categoria “Colunista de opinião”<sup>5</sup>.

Neste artigo, propõe-se observar de que forma a jornalista discute as mudanças de comportamento trazidas pela internet, em especial ligadas aos temas da indignação e da ação presentes na web, baseando-se no dito por Han (2018) e Castells (2017). Visa-se compreender como essas mudanças são percebidas por alguém que está inserida em uma categoria responsável pela formação de opiniões e que consegue atingir 200 mil pessoas com seus textos. Pretende-se observar os recursos usados por Brum tanto do jornalismo tradicional quanto do Jornalismo Literário para convencer seus leitores. Para tanto será feito uso da análise de conteúdo de acordo com o proposto por Bardin (2011) observando-se as seguintes categorias: 1 - o lugar de fala da jornalista<sup>6</sup>; 2 – as temáticas abordadas; 3 – a interlocução e a pretensa horizontalidade das redes.

## INDIGNAÇÃO VERSUS AÇÃO NA WEB

No texto “EU + UM + UM + UM+”, publicado em 16 de maio de 2019 no *El País*, Eliane Brum debate sobre a falta de ação frente aos desafios que o Brasil enfrentou no começo do ano de 2019. Ela inicia o texto de forma pouco convencional para o jornalismo da objetividade, elencando uma série de perguntas que não teriam resposta: “Como pesca o pescador sem rio?” (BRUM, 2019) é seu primeiro questionamento. “Como os

<sup>5</sup> Informações disponíveis em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299\\_432497.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299_432497.html)> e <<https://premio.comunique-se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==>> Acessados em 22 de janeiro de 2019.

<sup>6</sup> Optou-se pelo uso de “lugar de fala”, pois o termo reflete aqueles capazes de falar com legitimidade sobre a própria realidade, ainda que seja mais corriqueiro no âmbito dos movimentos sociais. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%ABlico>> Acesso em: 28 de outubro de 2020.

---

brasileiros defendem o Brasil do grupo que em menos de cinco meses destruiu direitos e sistemas de proteção construídos por décadas e ainda há 1326 dias pela frente?” (BRUM, 2019), é a última pergunta que faz antes de responder com a voz do poeta Elio Alves da Silva, o pescador sem rio: “‘Eu, sozinho, não consigo nada. Mas, se eu for ali e chamar mais um, vai ser eu+um. Aí, esse um chama +um. E aí já é eu+um+um...’ E, para ter certeza de que foi bem escutado: ‘Entendeu?’” (BRUM, 2019).

A resposta dada por Elio ao problema é a mesma encontrada por Zygmunt Bauman e Ezio Mauro, classificados por ela como “dois pensadores reconhecidos”. Dessa forma, Brum une estratégias do Jornalismo Literário, que busca fontes nas pessoas comuns, e do jornalismo tradicional, fazendo o que Tuchman (1996) chamaria de uso judicioso das aspas. Essas abordagens ajudam a reforçar a ideia que Brum deseja passar com o texto de que a resposta para essas questões seria uma maior união entre as pessoas que hoje estão focadas apenas no eu, em especial nas redes sociais digitais. Brum explica que, ao contrário do que pensava antes, não vê as redes sociais como ruas de bytes. Se manifestar online não é se tornar responsável pelo que é feito coletivamente, como propõe Hanna Arendt, citada por Brum.

Para a jornalista, pensar individualmente é característica do neoliberalismo, no qual ser mais um é desimportante. Para se mostrar contra o modelo neoliberal, é preciso tomar as ruas físicas, pois:

O que se passa nas redes sociais tem efeitos sobre o corpo de cada um. Mas o corpo de cada um não está lá. Ir para a rua, ocupar as ruas, o imperativo ético deste momento, só é possível com encontro. A rua pressupõe encontro real. Pressupõe se arriscar ao outro. Pressupõe conviver de corpo encarnado. Pressupõe negociação de conflitos para dividir o espaço público. A rua é onde estamos com nossos fluidos, enfiados na nossa própria pele, carregando nossas fragilidades diante do outro sem nenhum botão de curtir ou de raiva para acionar. A rua é onde nos arriscamos a nos refletir no olhar do outro e nos reconhecer num corpo que não é o nosso. Nos reconhecer na humanidade e também na diferença (BRUM, 2019).

Brum aponta que é sintomático o fato de as primeiras manifestações contra o governo terem partido das universidades, uma vez que elas são espaços de contato entre as pessoas, um lugar mais propício para a união. Ao mesmo tempo, ao apostar na web como espaço de divulgação de sua opinião, Brum a coloca como um meio que torna possível uma ação verdadeira, ou seja, a partir do que veem em sua coluna as pessoas poderiam passar agir da forma como foi recomendada por ela. Nesse caso, o que ela

---

estaria fazendo ali seria mais do que aqueles que se manifestam no Twitter ou no Facebook, que são criticados por ela.

De certa forma essa atitude simboliza uma divisão de Brum que já teve uma visão bastante otimista da internet, como Castells (2017), chegando a classificar as redes sociais como “ruas de bytes”, mas que hoje percebe que a web também pode trazer aspectos negativos, quando dominada por aqueles que propagam as *shitstorms* apontadas por Han (2018).

Brum tem seu potencial de autocomunicação de massa amplificado por ter origem na mídia tradicional. Contudo, como aponta Breadshaw (2014), os textos com temas políticos contam com apenas 9% da audiência na web, o que gera uma dúvida quanto a efetividade desse tipo de coluna em estimular ação. Ao escrever “EU +UM +UM +UM+” defendendo uma maior tomada de atitude das pessoas, Brum se aproxima do pensamento de Castells (2017), acreditando que ainda que na internet exista a possibilidade de pessoas comuns conseguirem uma grande audiência, esse efeito é mais provável nos meios de comunicação tradicionais que migraram para a web. Exemplo disso é a frase do poeta Elio que, ao ser citada em um texto publicado no site de um grande conglomerado midiático, pode atingir centenas de milhares de pessoas.

Brum traz para a internet a linguagem do Jornalismo Literário, preocupado com a cidadania e adotando uma narrativa que simula uma fala direta com seus leitores, como acontece em seu primeiro parágrafo, em que faz uma série de perguntas. Ela também não se preocupa em parecer imparcial e objetiva, deixando sempre claro qual é sua opinião. Ainda assim, como no jornalismo tradicional, ela faz uso de fontes para corroborar seu ponto de vista, citando Hanna Arendt e Zygmunt Bauman. Um ponto que diverge do esperado, porém, é a citação da fala do poeta oral Elio Alves da Silva como de mesma importância que a do sociólogo renomado Zygmunt Bauman. Uma estratégia para essa apropriação é chamar ambos pelo primeiro nome: Zygmunt e Elio. Ao fazer isso, Brum coloca em prática o princípio da horizontalidade, comum na web.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da coluna “EU + UM + UM + UM +”, de Eliane Brum, percebemos muitas similaridades de pensamento entre a jornalista e Han (2018). Ambos percebem na internet uma grande vocalização de temas sem que esta atitude seja acompanhada de alguma ação no mundo não-virtual.

Também ambos percebem que isso se deve a uma individualização, atribuída por ela ao neoliberalismo e por ele a um novo modo de vida presente na internet. Brum, no entanto, diverge de Han (2018) quanto ao poder que o jornalismo pode ter. Para ele, a imprensa perde poder uma vez que as pessoas não precisam mais dela para se comunicar. Brum, por outro lado, ao escrever um texto para um jornal digital reclamando da inação da sociedade frente a questões que afetam seu futuro, parece acreditar que sua escrita pode vir a gerar uma ação prática, ainda que no mesmo texto ela defenda que a escrita de textos sobre temas políticos nas redes sociais digitais não seja efetiva.

Essa contradição só pode ser explicada por uma crença em um maior poder do jornalista e dos grandes portais em comparação ao cidadão comum. Isso contradiz o princípio da horizontalidade na web. Entretanto, para Castells (2017), o jornalismo não deixou de ter importância, tendo apenas migrado para o meio digital. Ele também relembra o poder das grandes empresas de comunicação, que ainda são mais ouvidas que as pessoas comuns, ainda que estas tenham ganhado com a web a possibilidade de serem ouvidas em larga escala. Ao mesmo tempo, por usar estratégias do Jornalismo Literário, Brum dá ao poeta Elio a mesma importância que dá aos sociólogos, reforçando a horizontalidade.

A partir dessas discussões, pode-se perceber que a web não pode ser vista de polarizada entre uma visão positiva ou negativa. Percebe-se que existe uma horizontalização da comunicação, não apenas na possibilidade que todos falem, mas na maneira como as pessoas são referidas, como no caso de “Zygmunt e Elio”. Embora não exista necessariamente uma relação entre a fala na web e a ação na vida não-virtual, é necessário lembrar que a comunicação, como explicam Berger e Luckmann (1998) pode ser o primeiro passo para mudanças na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2011.

BARROS FILHO, Clóvis e PRAÇA, Sérgio. Agenda Setting, Newsmaking e a Espiral do Silêncio. In: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRADSHAW, Paul. *Instantaneidade*: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In CANAVILHAS, João (org.).

**WebJornalismo:** 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom Books, 2014. Disponível em: <[http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_jcanavilhas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BRUM, Eliane. **EU + UM + UM + UM+**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557921007\\_146962.html?fbclid=IwAR1oK5uOXRxOgE9TTebax9ngAOX3LOXAY-jY-L1GRSNksyQE-IYLyU0Pbuk](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557921007_146962.html?fbclid=IwAR1oK5uOXRxOgE9TTebax9ngAOX3LOXAY-jY-L1GRSNksyQE-IYLyU0Pbuk)> Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

CASTELLS, Manuel. A comunicação na era digital. In: CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação: escolas conceitos e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.39-60.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

RAMONET, Ignácio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**. Questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Editora Vega, 1993, p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Unisinos: São Leopoldo, RS, 2001.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1996.

VIVAR, Jesús Miguel Flores e ABIB, Tayane Aidar. O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil. **Comunicação & Inovação**, revista online, v. 19, nº40, 2018. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5175/2471](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5175/2471)> Acesso em 24 de junho de 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. Tradução Karina Jannini – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes: 2008.